

CONHECIMENTO E USO PRÉVIO DE MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS POR ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE UBÁ

KNOWLEDGE AND PRIOR USE OF CONTRACEPTIVE METHODS BY ADOLESCENTS FROM A PUBLIC SCHOOL IN UBÁ

Letícia Magalhães de Almeida ^a

Lívia Lopes Barreiros ^a

Roberta Feital Xavier ^a

Márcio Luiz Rinaldi ^a

Mara Lúcia Farias Lopes e Silva ^a

Andressa Antunes Prado de França ^a

Glauco Teixeira Gomes da Silva ^a

Pedro Henrique D'Ávila Costa Ribeiro ^a

Lívia Beatriz Almeida Fontes ^{a*}

^aFaculdade Governador Ozanam Coelho – FAGOC/Ubá-MG

RESUMO

Introdução: A utilização de métodos contraceptivos possibilitou à mulher maior controle sobre a decisão de ser mãe. Entretanto, a gestação na adolescência é atualmente um problema de saúde pública, sendo de fundamental importância o conhecimento por parte dos jovens do mecanismo de ação desses fármacos, assim como efeitos adversos e possíveis interações sejam elas medicamentosas ou não. **Objetivos:** Avaliar o conhecimento e uso prévio de métodos anticoncepcionais entre as adolescentes do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública no município de Ubá-MG. **Metodologia:** Foi realizado um estudo transversal, descritivo, prospectivo com abordagem quantitativa. Foram aplicados dois questionários, um antes e outro após a realização de uma palestra explicativa sobre métodos contraceptivos, com 48 adolescentes. **Resultados:** A idade média observada foi de

Saúde

Revista
Científica
Fagoc

ISSN: 2448-282X

15,125. Das adolescentes entrevistadas, 27,08% (13) fazem uso de métodos contraceptivos, sendo 61,54% (8) utilizaram anticoncepcional oral, 38,46% (5) usaram camisinha, e 10,42% (5) utilizaram a pílula do dia seguinte. Após a palestra, 46 (95,83%) das entrevistadas responderam que ela foi esclarecedora quanto às interações medicamentosas. Quando questionadas sobre o conhecimento dos métodos apresentados na palestra, somente 8 (16,67%) responderam que conheciam todos os métodos. **Conclusão:** A saúde sexual do adolescente precisa ser mais abordada, pois existem poucos programas e incentivos educacionais a respeito desse tema destinados a essa faixa etária.

Palavras-chave: Adolescentes. Anticoncepção. Métodos contraceptivos.

ABSTRACT

Introduction: The use of contraceptive methods allowed the woman greater control over the decision to be a mother or not. However, gestation in adolescence is currently a public health problem. Being of fundamental importance knowledge on the part of the young of the mechanism of action of these drugs, as well as, adverse effects and possible interactions be they medicaments or not. **Objectives:** To evaluate knowledge and prior use of contraceptive methods among adolescents from the first year of high school in a public school in the city of Ubá-MG. **Methodology:** A cross-sectional, descriptive, prospective study was conducted with a quantitative approach. Two questionnaires were applied, one pre and one after the presentation of an explanatory

* E-mail: libafontes@yahoo.com.br

lecture on contraceptive methods, with 48 adolescents. Results: The mean age observed was 15,125. Of the adolescents interviewed, 27.08% (13) use contraceptive methods, 61.54% (8) oral contraceptives and 38.46% (5) use condoms and 10.42% (5). In the questionnaire after the lecture, 95.83% (46) answered that the questionnaire was informative about the drug interactions. When questioned about the knowledge of the methods presented in the lecture, only 16.67% (8) answered that they knew all the methods. **Conclusion:** Adolescent sexual health needs to be more addressed, since there are few educational programs and incentives in this area for this age group.

Keywords: Adolescents. Contraception. Contraceptive methods.

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é definida entre 10 e 19 anos (WHO, 2006). Os adolescentes no Brasil correspondem a cerca de 19% da população geral, e nessa fase ocorrem mudanças relacionadas com formação da identidade sexual, exercício da sexualidade, afetividade e intimidade; é importante também ressaltar que tudo isso está relacionado ao desenvolvimento do indivíduo como um todo (Romero et al., 2007). Nessa etapa da vida, os jovens estão em fase de estudos e entrada no mercado de trabalho, logo a ocorrência de uma gestação indesejada pode levar a sérias consequências, que serão percebidas por esses jovens durante toda a vida adulta (Brasil, 2005). No Brasil, a cada ano nascem mais de 14 milhões de bebês que têm mães adolescentes, sendo as taxas maiores ainda nas áreas rurais (Bemfam, 2006).

A contracepção na adolescência é de grande importância por ser a fase da vida em que há dúvidas e temores sobre a própria feminilidade. Nessa fase da vida, há incertezas sobre fertilidade,

atividade sexual e ciclo menstrual, até por serem essas questões rodeadas de tabus impostos ao longo dos anos pela sociedade. É importante ressaltar que, também nessa etapa, ocorre o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários femininos, passando a jovem a ser vista pela sociedade não mais como criança, mas como mulher, o que pode ocasionar modificações no comportamento sexual dessa menina (Giordano; Giordano, 2009).

Com isso, as adolescentes acabam por iniciar sua vida sexual muitas vezes sem ter preocupação com prevenção, como o uso da camisinha ou da pílula, e sem a real noção das suas consequências, por exemplo, o abandono da vida escolar e, até mesmo, da vida social. Além do perigo da exposição a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), representam um risco muito relevante para a saúde dos adolescentes sexualmente ativos. Outra questão que contribui para a falta de conhecimento sobre métodos contraceptivos é o fato de muitos pais não dialogarem sobre sexualidade com seus filhos, o que causa ainda mais confusão e falta de informação sobre a importância de serem utilizados métodos de proteção e como devem ser utilizados (Vieira et al., 2016)

Logo, devido ao início precoce da vida sexual, a gravidez tornou-se um problema de saúde pública, gerando impacto socioeconômico e possíveis riscos na saúde materno-infantil (Silva; Araújo, 2010). Entre as razões para o alto índice de gravidez na adolescência, pode-se considerar também a não utilização de métodos contraceptivos de forma adequada, em função do não conhecimento de existência do método ou da forma correta de uso (Silva et al., 2015).

Ao se escolher um método de prevenção, deve-se levar em consideração o bem-estar da pessoa que está fazendo o uso, suas expectativas, sua autonomia, seu poder de decisão e suas necessidades, além de se considerar os direitos reprodutivos e sexuais de todo indivíduo (Osis, 2004). A seleção do método muitas vezes é influenciada pelos profissionais de saúde, entretanto, em alguns casos, os critérios mais

utilizados são a praticidade, a indicação por um conhecido, a facilidade de acesso; esses critérios nem sempre levam em conta as características individuais da usuária, podendo ocasionar prejuízos à saúde, como varizes, tromboses, dores de cabeça e, inclusive, diminuição da libido, assim como o aparecimento de alguns efeitos indesejáveis que, em alguns casos, podem ser irreversíveis (Alves, 2007).

Portanto, o conhecimento adequado sobre os diversos métodos contraceptivos atualmente disponíveis pelos jovens é de grande importância para que seja feita a melhor escolha, adequando-a às condições socioeconômicas da usuária, comportamento sexual, além de auxiliar o uso correto. Além disso, essas medidas preventivas se relacionam de maneira direta à prevenção da gravidez indesejada, à diminuição dos índices de aborto provocado, da mortalidade materna, e de outros agravos à saúde presentes na idade reprodutiva, e ainda podem ser utilizados na prevenção de DSTs (Vieira et al., 2002).

Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo avaliar o conhecimento e uso prévio de métodos anticoncepcionais entre as adolescentes do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública no município de Ubá-MG.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um estudo transversal, descritivo, prospectivo com abordagem quantitativa. A população foi composta por adolescentes estudantes do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública no município de Ubá-MG, com a faixa etária de 14 a 19 anos.

O instrumento escolhido para coleta de dados foi um questionário semiestruturado autoaplicável, com questões relacionadas ao conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais, além das relacionadas a questões sócio demográficas. Um questionário foi aplicado anteriormente à realização de uma palestra explicativa sobre métodos contraceptivos, mecanismo de ação, efeitos adversos e interações medicamentosas ou não,

e outro questionário foi aplicado após, no intuito de avaliar o aproveitamento dos conhecimentos explanados por parte dos ouvintes.

A amostra foi composta por 48 adolescentes, do sexo feminino e, após a coleta, os dados foram importados para uma planilha Excel e foi realizada análise descritiva a partir dos percentuais das categorias de respostas das variáveis.

RESULTADOS

No primeiro questionário aplicado, foi observado que a população do estudo (Tabela 01) totalizava 48 alunas com idade entre 14 a 19 anos, com idade média de 15,125. Das adolescentes entrevistadas, 27,08% (13) fazem uso de métodos contraceptivos de forma rotineira; dessas adolescentes, 61,54% (8) fazem uso de anticoncepcional oral a partir de indicação médica (segundo seu relato) e o adquirem comprando na farmácia; já as demais 38,46% (5) utilizam camisinha como método contraceptivo e fazem uso por conta própria. Nenhuma das entrevistadas tem filhos.

Com relação ao uso de métodos contraceptivos de emergência, 10,42% (5) já utilizaram a pílula do dia seguinte. Ao serem indagadas se conheciam a conduta adequada ao esquecer de tomar o anticoncepcional oral, 56,25% (27) responderam negativamente. Quando questionadas sobre quais substâncias podem causar diminuição do efeito do anticoncepcional oral, somente 22,92% (11) responderam afirmativamente.

No segundo questionário, aplicado após a apresentação (Tabela 2), ao serem questionadas se aprenderem o que pode diminuir o efeito do anticoncepcional oral, 95,83% (46) responderam que a palestra foi esclarecedora quanto às interações medicamentosas, com ênfase sobre o álcool e os antibióticos, os quais são muito utilizados rotineiramente. Ao se indagar se conheciam os métodos apresentados na palestra, somente 16,67% (8) responderam que sim.

Em relação aos métodos aprendidos com

a palestra, as respostas foram positivas para anticoncepcional oral 70,83% (34), camisinha 72,92% (35), anticoncepcional transdérmico 56,25% (27), implante 64,58% (31), anel vaginal 77,08% (37), ligação das tubas uterina 54,17% (26), dispositivo intrauterino 70,83% (34), diafragma 70,83% (34) e o coito interrompido 64,58% (31).

Tabela 1: Questionário aplicado antes da palestra

Variáveis	N	%
Idade		
14 anos	1	2,08
15 anos	43	89,59
16 anos	3	6,25
19 anos	1	2,08
Faz uso de algum contraceptivo		
Não	35	72,92
Qual método contraceptivo		
Anticoncepcional Oral	8	61,54
Camisinha	5	38,46
Quem indicou o uso		
Médico	8	61,54
Auto indicação	5	38,46
Como adquire o método contraceptivo		
Comprando	13	100
Possui filhos		
Não	48	100
Já fez uso de contraceptivo de emergência		
Não	43	89,58
Sabe qual procedimento a ser realizado em caso de esquecer de tomar o anticoncepcional oral		
Não	27	56,25
Sabe quais substâncias podem interagir diminuindo o efeito do anticoncepcional		
Não	37	77,08

Tabela 2: Questionário aplicado após a palestra

Variáveis	N	%
A palestra lhe ajudou a compreender os procedimentos a serem realizados após o esquecimento do anticoncepcional oral		
Sim	48	100
A palestra lhe ajudou a compreender o que pode diminuir o efeito do anticoncepcional oral		
Sim	46	95,83
Já conhecia todos os métodos apresentados na palestra		
Não	40	83,33
Sobre quais métodos contraceptivos você aprendeu com a palestra		
Anticoncepcional Oral	34	70,83
Camisinha	35	72,92
Anticoncepcional transdérmico	27	56,25
Implante	31	64,58
Coito interrompido	31	64,58
Anel Vaginal	37	77,08
Ligação das tubas uterinas	26	54,17
Dispositivo intrauterino	34	70,83
Diafragma	34	70,83

DISCUSSÃO

Nas últimas décadas, a gestação na adolescência tem sido tida como um importante problema de saúde pública, devido ao alto índice de ocorrência, principalmente em países como o Brasil, em desenvolvimento. Isso ocorre porque a maioria da população jovem desconhece a existência de métodos contraceptivos e como devem ser utilizados, ou devido ao fato de, apesar de conhecerem, não o utilizarem. Com isso, também ocorre o aumento de DSTs, além da gravidez indesejada nessa faixa etária (Cunnington, 2001; Goodyear, 2002; Lawlor, 2004).

A idade média encontrada em nosso estudo foi de 15,125 anos, variando de 14 a 19 anos. De acordo com o Ministério da Saúde, as adolescentes nessa etapa se encontram em um período de constantes alterações, tanto físicas quanto psicológicas, logo o planejamento e realização de ações de educação em saúde dirigidas a esses adolescentes, no âmbito da saúde sexual e reprodutiva, é de fundamental importância (Brasil, 2005).

Das adolescentes entrevistadas, 27,08% (13) utilizam alguns métodos contraceptivos, sendo que 61,54% (8) o fazem a partir de indicação médica. A indicação do método contraceptivo sempre deve ser orientada por um profissional de saúde, tendo em vista que este sempre levará em consideração as características individuais da usuária. Isso porque alguns métodos – e até mesmo algumas variações entre eles, como fabricante, concentração do princípio ativo – podem ocasionar diferentes efeitos adversos e eficácia terapêutica (Alves, 2007).

Sobre os métodos contraceptivos utilizados, verificou-se que apenas 38,46% (5) utilizam camisinha. Uma possível explicação para apenas uma pequena parcela da população estudada fazer desse método está descrita em estudo realizado por Alves e Brandão (2009), que descreve a relação entre a adoção do preservativo e a credulidade entre os parceiros, ou seja, quanto maior o tempo de relação entre o casal, e consequentemente a aquisição de confiança mútua, alguns passam a acreditar que a camisinha não seja mais tão necessária.

Nenhuma das entrevistadas tem filhos, apesar de apenas 43,75 (21) afirmarem saber como devem proceder ao se esquecer de tomar o anticoncepcional oral e 10,42% (5) relatarem já terem feito uso de contraceptivo de emergência. Esses dados corroboram os encontrados por Silva et al. (2010), segundo os quais, dos 581 alunos pesquisados, 35,6% descreveram a pílula do dia seguinte como um método de emergência que não deve ser utilizado de maneira rotineira. Porém, uma parcela relevante da população estudada não possuía o conhecimento correto sobre o método, relatando que o uso do contraceptivo de emergência não traz riscos à saúde, não ocasiona sangramento ou modificações significativas no padrão menstrual, e, se usado na vigência de gestação, não é teratogênico (Sanfilippo, Downing, 2008).

No que diz respeito aos conhecimentos adquiridos após a realização da palestra explicativa, 95,83% (46) responderam que a palestra foi esclarecedora quanto às interações medicamentosas anticoncepcionais orais,

aumento relevante quando comparado aos 22,92% (11), que responderam afirmativamente antes da realização da palestra. As interações medicamentosas são um fator que influencia diretamente a ação dos anticoncepcionais orais, podendo ocorrer aumentando (sinergismo) ou diminuindo, e até mesmo inibindo (antagonismo) o efeito do medicamento.

Existe uma ampla quantidade de medicamentos capazes de modificar o processo de metabolização do anticoncepcional causar a diminuição da eficácia contraceptiva. Podem-se citar vários antimicrobianos que podem alterar a absorção intestinal dos anticoncepcionais orais, além de fármacos como levotiroxina e alguns corticoides. Com isso, é necessária a avaliação de um profissional de saúde em relação aos riscos e benefícios quanto ao uso dos anticoncepcionais hormonais orais, assim como sua eficácia ou possível falha (Rang et al., 2012).

Em relação ao conhecimento prévio sobre os métodos apresentados na palestra, somente 16,67% (8) responderam que conheciam todos os métodos. A Tabela 2 trata do conhecimento adquirido com a palestra sobre os métodos contraceptivos. Ressalta-se na literatura que o maior obstáculo para a utilização dos métodos contraceptivos refere-se ao conhecimento sobre eles (Cabral, 2003). O resultado acerca dos métodos contraceptivos observado no presente estudo demonstra a necessidade de buscar novas alternativas de difundir o conteúdo entre os jovens, uma vez que a questão dos riscos do sexo seguro nessa fase é um problema de saúde pública no Brasil e em vários países do mundo. As informações sobre a vida sexual têm sido uma dimensão marcada por muito preconceito por parte da população em geral, que muitas vezes se revertem em dúvidas acerca dos métodos contraceptivos, sendo, por isso, de fundamental importância a difusão do conhecimento e a correta orientação dos jovens sobre esse tema (Ministério da Saúde, 2006).

CONCLUSÃO

O presente estudo evidenciou que existem brechas nas ações de saúde e educação voltadas para a conscientização sobre o início da vida sexual e reprodutiva dos jovens, chamando a atenção para a importância de se investir em educação sexual como estratégia preventiva, seja da saúde sexual ou da reprodutiva. Desse modo, não se pode esperar que os adolescentes sigam as recomendações sobre métodos contraceptivos, tendo em vista que é necessário, primeiramente, que ações sejam desenvolvidas tanto por parte das instituições de ensino, como por parte dos órgãos públicos de saúde, para uma contribuição eficaz em relação à promoção da saúde e da qualidade de vida desses jovens. Conclui-se, então, que se faz necessária a implementação de estratégias que permitam aos adolescentes que estão iniciando suas vidas sexuais conscientizarem-se sobre a importância do conhecimento e do uso correto dos métodos anticoncepcionais.

REFERÊNCIAS

Alves CA, Brandão ER. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. Ciênc. saúde coletiva, abr; 14(2): 661-70, 2009.

Alves AS, Lopes MHB. Locus de Controle e escolha do método anticoncepcional. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 60, n. 3, p. 273-278; 2007.

Brasil. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Secretaria de Atenção à Saúde. Ministério da Saúde. Pré-natal e puerpério - atenção qualificada e humanizada - manual técnico. Distrito Federal(Brasília): Ministério da Saúde; 2005.

Brasil. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Secretaria de Atenção à Saúde. Ministério da Saúde. Pré-natal e puerpério - atenção qualificada e humanizada - manual técnico. Distrito Federal(Brasília): Ministério da Saúde; 2005.

Benfam(Sociedade Civil do Bem Estar Familiar no Brasil). Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde, 2006. Rio de Janeiro, 2007.

Cabral, C. S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. Caderno de Saúde Pública, v. 19, supl. 2., Rio de Janeiro, 2003.

Cunnington AJ. What's so bad about teenage pregnancy? J Fam Plann Reprod Health Care, jan;27(1):36-41. 10, 2001.

Giordano M.V.; Giordano L.A. Contracepção na adolescência. Revista Oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente/UERJ. v. 6, n. 4, dez. 2009.

Goodyear RK, Newcomb MD, Locke TF. Pregnant latina teenagers: psychosocial and developmental determinants of how they select and perceive the men who father their children. J Couns Psychol, 49:187-201. 11, 2002.

Lawlor DA, Shaw M. Teenage pregnancy rates: high compared with where and when? J R Soc Med., mar. 97(3):121-3, 2004.

Ministério da Saúde. Marco Teórico e Referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

Osis MJD, Duarte GA, Crespo ER, Espejo K, Pádua KS. Escolha de métodos contraceptivos entre usuárias de um serviço público de saúde. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(6):1586-1594, nov-dez, 2004.

Rang, HP; Dale MM; Ritter JM; Moore PK. Farmacologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2004.

Romero KT, Medeiros EHGR, Vitalle MSS, Wehba H. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. RevAssocMedBras.; 53(1):14-9, 2007.

Sanfilippo J; Downing D. Emergency contraception: when and how to use it. J Fam Pract; v.57 (2 Supl):S25-36; 2008.

Silva, F. C. et al. Diferenças regionais de conhecimento, opinião e uso de contraceptivo de emergência entre universitários brasileiros de cursos da área de saúde. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 26(9), set. 2010.

Silva LF, Araújo LP. Conhecimento e adesão de mães adolescentes acerca do planejamento familiar. Monografia (Bacharelado em Enfermagem) - Universidade Estadual do Maranhão, Caxias-MA, 2010.

Silva MRB, Silva LA, Maturana HCA, Silva RB, Santos ME, Figueiredo Filho V. Por que elas não usam?: um estudo sobre a não adesão das adolescentes ao preservativo e suas repercussões. Saúde em Redes. 1(4):75-83, 2015.

Vieira EL, Pessoa GRS, Vieira LL, Carvalho WRC, Firmino WCA. Uso e Conhecimento sobre métodos contraceptivos de estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, 9(2):88, 2016.

Vieira EM et al. Características do uso de métodos anticoncepcionais no estado de São Paulo. Rev. Saúde Pública, São Paulo, 36(3):263-270, 2002.

Who Health Organization. Married adolescents: no place of safety. Geneva: World Health Organization; 2006.